REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 864

30 DE DEZEMBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ARVORE DO NATAL

CHRONICA OCCIDENTAL

Lemos no *Seculo* um telegramma do dia 27.

«Ilhavo, 23 — O sr. visconde do Cabo de Santa Maria que teve o premio de 150 contos na loteria do Natal, viveu aqui alguns annos na companhia de seu pae. A este titular, que tem praticado actos de beneficencia, lembramos esta infeliz e pobre terra. Aqui poderia deixar vinculado o seu nome como recordação do seu passado, como estimulo e para reconhecimento das gerações presente e futuras.»

Que máo Natal deve ter o sr. visconde!

Uma vez ao fallecido banqueiro Fortunato Chamiço sahiu-lhe um premio de noventa contos na loteria de Hespanha. No dia seguinte os pedidos que lhe dirigiram subiram a quantia superior a cento e oitenta. Na mesma proporção deve o sr. visconde ter sido apoquentado por uns trezentos contos o que deve ser d'um cabelludo ficar careca e d'um careca arrancar os ultimos pellinhos.

Tanto mais que, segundo affirma o illustre titular, o tal bilhete, o famoso 3640, mandou-o elle para Africa, a um amigo. Quer dizer, teve a sorte na mão e despresou-a, o que é a maior das infelicidades. Nem sequer viu como lhe sorriam os quatro algarismos, o que é a maior das cegueiras.

E musica e foguetes e telegrammas e bilhetes, um concerto de amigos e de pobres a cantarem parabens entre os glu-glus dos perus em bandos! E d'um numero tão lindo — 3640! — só ficou para o sr. visconde o zero terrivel!

É o que se chama andar com muito pouca sorte.

Bem fizeram os que não se tentaram e com as economias realisadas durante o anno festejaram o Natal em casa com um lindo peru gordo, anafado, muito loiro e o papo recheado de castanha ou de batata.

Esses gosaram muito mais e com melhores recordações ficaram da mais linda festa de todo o anno.

O Natal!... Como é alegre! Como é cheio de saudades só mitigadas pelas muitas saudades que nos ha de deixar. Alegram-se os novos, alegram-se os velhos de tão alegres vel-os

Os rapazes estão em ferias. Alguns houve que mais cedo as começaram e ahi foram tunas de estudantes correr terras da provincia, alguns até Hespanha, com seus bandolins, pandeiretas, violas e guitarras, dando musicas ás damas e ás auctoridades, tocando nos theatros, representando suas peças.

As terras mais pacatas animaram-se; parecia que andava uma alegria no ar e que o sol d'estes formosissimos dias espalhou mais luz nas ruas e praças, pasmadas de tanto bulicio.

Voltaram os rapazes a suas casas, roucos dos muitos vivas que deram, cheios de somno depois das noites perdidas, em comboios mal passadas.

Se ha festas como as do Natal!

Fala-se agora em modificar o carnaval em Lisboa. Boa idéa é decerto, mas a alegria bulhenta nunca vale a verdadeira alegria.

A Associação da Imprensa poz-se á frente do movimento, esperando ser auxiliada pelo commercio de Lisboa e camara municipal. No domingo gordo haverá batalha de flores na Avenida; na segunda feira concurso de philarmonicas; na terça, cavalgadas, cortejos, etc.

A Real Sociedade de Horticultura tenciona dirigir-se aos horticultores pedindo-lhes que reservem para domingo o maior numero de flores que lhes seja possivel fornecer aos combatentes.

Já se fala em varias mascaradas, que devem chamar a attenção, a concorrer ao premio pecuniario offerecido pela Associação da Imprensa á melhor mascarada popular.

Diz-se que uns trezentos moradores de Ajuda sahirão á rua vestidos de zuavos com uma banda de musica composta de quarenta executantes.

Que o entrudo de 1903 nos faça esquecer o de 1902 é o que todos desejamos e mais que todos o sr. vereador da limpeza.

Emquanto esperamos os mascarados vamos nos desmascarados pensando, todos de curiosidade aguçada para os muitos que se esperam depois das revelações da celeberrima familia Humbert, finalmente presa em Madrid, onde ha uns poucos de mezes residia e, segundo se conta, passeando frequentemente nas barbas policiaes.

Foi o grande acontecimento dos ultimos dias; em Paris, onde cada dia traz uma novidade, não se fala n'outro assumpto.

A montanha está gemendo; a cada revelação promettida rangem os prelos, trabalham os fios telegraphicos pelos ares e pelo fundo das aguas. Veremos o que sai d'isto tudo e se os curiosos afinal teem de contentar-se com um misero ratinho.

O que é exquisito é que Madame Humbert & C.ª conseguiram captar sympathias pela esperteza que demonstraram pregando uma valentissima peça a refinadissimos agiotas ainda peores do que elles. Se só os agiotas fossem os enganados, bom teria sido e Madame Humbert merecia cem annos de perdão, conforme o dictado conhecido.

Veremos o que se passará em Paris, onde a celebre familia deve hontem ter chegado, e, como o outro entrudo ainda vem longe, aproveitemos estes dias lindos de inverno para gosarmos, com um bocadinho de serenidade, o que elles nos vão offerecendo com seus bellos, extraordinarios prolongados crepusculos e novidades pelos theatros.

A abertura de S. Carlos é, por assim dizer, o que marca na folhinha de sociedade elegante o principio do inverno. Lá estava toda, como era de esperar, queixando-se mais do frio do que da companhia contractada pelo sr. Pacini, a qual tem agradado geralmente, pois contem alguns elementos de primeira ordem.

Os outros theatros vão-se batendo, conforme podem, contra o colosso lyrico e o não menos aterrador monstro do Colyseu. O Gymnasio com suas comedias, a Avenida com suas operas comicas, vão chamando concorrencia dos que não desgostam de rir um bocado para ajudar a digestão.

No theatro de D. Maria obteve grande exito a *Aventureira*, velha peça de Augier excellentemente traduzida em verso portuguez por um dos nossos melhores metrificadores, artista de finissimo gosto, Coelho de Carvalho. Que differença entre esta e muitas traducções para uma lingua de trapos que todos os dias por ahi se vêem elogiadas!

Na Trindade representa-se com grande exito tambem uma revista d'um distincto escriptor brazileiro, *A Capital federal*. Arthur de Azevedo é um dos mais conhecidos auctores do Rio de Janeiro, cheio de graça e de talento. A sua peça *O Badejo* é uma comedia primorosa, das melhores em lingua portugueza. Amabilissimo sempre comnosco portuguezes, bem andou a Empreza da Trindade em nos proporcionar occasião para com nossas palmas podermos festejar o nosso querido collega.

A ultima novidade tivemol-a no theatro D. Amelia com a peça *Madame Flirt*, que tão bem afamada chegou aos nossos palcos. O exito foi completo para todos: auctores, traductor e encarregados do desempenho, que foi digno do theatro onde estão os nossos melhores actores.

N'essa mesma sala de espectaculos realisar-se-hão brevemento os concertos da orchestra dirigida por Colonne, cujo nome é sufficiente para assegurar que serão essas noites consagradas á verdadeira grande arte.

Só nos distrahirão do theatro as camaras que estão a abrir, inaugurando-se este anno a nova sala de sessões de deputados de que nos dizem maravilhas e é obra d'um architecto distinctissimo, o sr. Ventura Terra. Pena é que não estejam concluidos todos os trabalhos de decoração, faltando as estatuas, quadros etc.

Voltam os politiqueiros a politicar e os novelleiros a compôr novelas. Como curiosidade daremos aqui noticia da ultima peta da arcada. Deixaria o sr. Mattoso dos Santos a pasta da fazenda sendo substituido pelo sr. Teixeira de Sousa, actual ministro da marinha que seria substituido pelo sr. Wenceslão de Lima. O sr. Vargas sahiria do ministerio entrando o sr. Possolo.

O boato durou apenas vinte e quatro horas. *Parce sepultis.*

João da Camara.

A FAMILIA SAGRADA

Um dia, ha seculos, em um canto da Palestina, passou-se uma scena altamente commovente e indelevelmente memoravel.

O imperador Augusto ordenára o recenseamento geral da população, e Maria da Nazareth e o carpinteiro José, seu esposo, dirigiram-se a Bethlem, a fim de se inscrever, conforme lhes cumpria em acatamento ao edito imperial.

Maria achava-se gravida e prestes a dar á luz.

Foi difficil a jornada e não puderam abrigar-se em Bethlem. Tornou-se necessario procurar o acolhimento do presepe.

E ahi, na pequena gruta em que dormia o gado, nasceu um menino que havia de reinar sobre os potentados da terra, não pela força bruta de legiões aguerridas mas pela uncção sentimental do amor. Outr'ora, a voz de prophetas fizera-se ouvir entre os hebreus annunciando-lhes a vinda futura de um Messias, libertador; n'este momento, realisava-se a prophecia redemptora das gentes por um modo singular e humillimo.

Por caridade deixou Maria de ficar então exposta ao relento da noite e nas palhinhas de uma mangedoura teve sem lençoes o Infante divino!

Eis o mystico arrombamento de almas crentes e a maravilhosa oblação do Ceu á terra! A Virgem, mãe de Deus, no seio da pobreza e Deus, humanado, no seio de uma virgem pura sempre!

As gravuras que hoje illustram as paginas d'esta revista representam aquélla familia, sagrada, que abriu ao mundo uma era de innovação fraternal e de paz até ali desconhecida para as gerações que tinham passado.

Os pastores que ao tempo do nascimento do filho de Maria guardavam rebanhos perto do presepe ouviram nos ares um hymno arrebatador cuja letra dizia assim: «Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens, de boa vontade!»

Alvoroçados, correram elles ao logar do berço e logo adoraram o recemnado, que decerto fôra o motivo de tal cantico aereo!

A Familia Sagrada, Maria, José e o Menino, chama hoje as attenções do mundo culto, aviva em todas as memorias a recordação dos factos de Bethlem, consolida em todos os corações o amor de fraternidade universal, inspira todas as almas e empolga todos os apostolos do Christianismo.

Ainda mal-sahida de seu parto virginal e glorioso, ainda mal-segura de seu contentamento intimo e indizivel, ainda para assim dizer mal entendida sua responsabilidade enorme e mal comprehendida sua mysteriosa maternidade e já graves perigos a vencer, extraordinarias armadilhas a afastar, terriveis embaraços a evitar!

E' que Herodes, queria o innocente para darlhe morte e para socego de ambição!

Tiveram que fugir á malevolencia criminosa e eil-os em marcha para o Egypto. O paiz dos pharaós e das pyramides, a dadiva do Nilo segundo a linguagem de Herodoto, a região hospitaleira onde governara um outro José depois de vendido por perfidos irmãos, recebeu o novo José, ancião venerando e pae putativo da creança admiravel cujo destino não podia caber em estirpe humana.

Já sua mãe presenceara a visita dos orientaes que, dobrando o joelho diante do berço mesquinho offereceram ao menino primicias de tal categoria que só indicam geração divinal.

A estes servira-lhes de guia a estrella famosa que um vidente de sua raça tinha prophetisado mais de quatorze seculos antes do acontecimento! A fuga para o Egypto poupou a Maria e José o desgosto de lhes ser arrancado o filho, e ao infante livrou de ser assassinado.

Não triumphou Herodes em sua astucia e brilhou o astro guiador para levar ao Oriente por caminhos seguros os magos que prestaram homenagens reverentes á creança de Bethlem!

Estava assim salva a esperança da humanidade e serenamente resolvido o problema messianico!

A Familia Sagrada esquivando-se nas margens do Nilo á perseguição homicida, roubou algumas victimas á ferocidade selvagem mas cobarde e assegurou ás idades futuras o esplendor brilhantissimo de uma civilisação authentica e eternal! A fuga feliz, patentêa claramente que a Providencia revelava para mais completo sacrificio.

O Menino, tinha de expiar a culpa humana, mas não ás mãos de Herodes ou de qualquer de seus sicarios: seria nos braços da cruz, o instrumento de supplicio dos escravos, que consummaria a grande obra de regeneração dos povos, sellando-a com seu sangue preciosissimo!

Aquelles tres entes, encontraram abrigo em paiz que Moysés percorrera em tempos afastados e onde um peito de mulher o salvára das aguas!

Depois decorreram annos e seculos; revoluções celebradas desfizeram e transformaram o que politicamente existia conseguido por esforços e por audacia de romanos; o imperio dos Cesares desappareceu da scena do mundo com tanta facilidade como aquella com que se muda de residencia, mas permaneceu radiante no amago da consciencia humana o quadro humilde de Bethlem e a typica figura da Sagrada Familia!

Os artistas da Renascença immortalisaram seus magicos pinceis e suas imaginações soberbas na reproducção da doce Maria, de Nazareth, do carpinteiro José e do Divino infante!

A arte e o talento congregaram-se á porfia no empenho tenaz de aquilatar por seu legitimo conceito em producções perduraveis a belleza moral, a submissão exemplar e a virtude soberana e inimitavel da mulher que o anjo saudára com palavra de enygma, que o esposo respeitára pela revelação do sonho, e que o filho dignificou habitando em suas virginaes entranhas! É o poder superior d'estas coisas, é a realidade magnifica d'estes mysterios que impressiona o genio, que distende aza de sublime inspiração paredes a dentro de cerebros privilegiados, que alevanta o artista para a gloria immortal, o sabio para a verdade infinita e as multidões para o culto do amor.

Tal é o fundo da religião do Christianismo, tal é a assencia do sentimento fraternal tal é o aroma de Bethlem!

Supprimi na téla da existencia a Familia Sagrada, apagae da geographia do globo a terra natal de Jesus e vêde se explicaes a evolução social do progresso para melhor, se definis com rigor logico as epocas posteriores, se exclareceis as intelligencias satisfatoriamente em relação aos beneficios salutares de legislação!

Impossivel! é que data de então todo o grandioso irrradiar do espirito emancipado de incidencias de paganismo insupportavel e carnal, é que data de então toda a conquista amoravel das almas santas e todo o prestigio casto das boas obras?

A propria philosophia materialista não ousa levantar suspeita de impureza e de mentira relativamente á crença de Bethlem. É que a Historia fala alto e é inconfundivel com erros e sophismas o seu dizer e o seu brado de louvor em relação ao menino Jesus!

Não é este o momento opportuno e azado para discutir pontos debatidos no campo em questão, e por isso, não prosigo agora.

A Familia Sagrada que tão distinctamente se honraram de representar em gravuras excellentes os primeiros entre os mestres afamados é o unico objecto d'estas linhas que aqui acompanham duas reproducções encantadoras de quadros suggestivos.

Quando eu era creança, minha tia D. Thereza de Noronha, mulher de rara dedicação e de insasiavel caridade em cujo regaço encontrei carinhos de mãe protectora e de cujo anceio recebi o ultimo alento de vida, quando eu era creança, essa santinha que o ceu guarda falava-me da Familia Sagrada que me mostrava em imagens por ella enfeitadas com fervor de crença n'estes dias solemnes que ora passam e fazia com que eu acompanhasse em suas orações ná casa de oratorio!

Lembro me d'isto com as lagrimas nos olhos e com anhelos de alegria no coração. Como é delicioso recordar o passado de infancia e abeirar-se a gente de pessoas queridas pela potencia imaginativa?!

Bastaria esta razão para valer para mim muitissimo o culto da Sagrada Familia! Oh! mas não posso desconhecer-lhe a passagem nos fastos do tempo e nos preceitos da Historia: a noite de Bethlem não foi uma noite vulgar, foi uma aurora deslumbrantissima de progresso infindo, um baptismo estupendo de glorias a vir, um proscenio maravilhoso de um drama de morte e de ressurreição final!

Ainda ha povos, ainda ha seres humanos que não teem noticia de Bethlem e da Familia Sagrada, mas já não existe ninguem á superficie do planeta a quem seja inutil o berço da divinal creança e o amor immaculado da terna mãe.

Para todos foi aquelle Natal de paz e a todos ampara e orvalha nas agruras a benção celeste do filho de Deus!

Oxalá, d'aqui a alguns annos, se repita em côro de continente para continente e de extremo a extremo da terra o hymno angelico que alegrou os pastores das proximidades de Bethlem: «Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens, de boa vontade!»

E oxalá que este nosso Portugal, a patria amada em que tivemos o berço e onde esperamos haver o derradeiro repouso de nossas cabeças, oxalá que elle torne a robustecer no ideal religioso, a bracejar no fomento civilisador, e a affirmar-se como heroe na linha do Direito e na vehemencia da Justiça!

D. Francisco de Noronha.

O NOSSO SUPPLEMENTO

Uma Aguarella de Ricardo Hogan

Devido á extrema amabilidade do sr. Frederico Navarro Hogan, filho do notavel aguarellista podemos hoje abrilhantar as paginas do Occidente com a reproducção de uma das bellas aguarellas de Hogan, que para isso nol'a facilitou.

São inumeras as producções artisticas de Ricardo Hogan, um amador que para artista só lhe faltava fazer profissão da arte, e que bem novo a morte arrebatou.

As suas obras mereceram a attenção da critica e alcançaram primeiros premios nas exposições artisticas a que concorreram.

Mais de espaço o Occidente se occupará d'este aguarellista tão justamente considerado, publicando seu retrato e reproduzindo mais alguma de suas obras acompanhada de artigo condigno.

UM CONTO DE NATAL

Porque nos hão de esquecer ás vezes pormenores do que mais nos commoveu? Que ha nas tristezas e nas grandes alegrias que tão fundo nos fere ou com tanta luz nos deslumbra que outras dôres menores nos não fazem moça nem nos penetra na alma outra claridade?

Assim em coisas de menor importancia nos succede ás vezes. O caso foi que eu li ha tempos, não sei quando, um conto que muito me commoveu, e hoje não sei onde o li nem que nome o assignava.

Pouco importa. Guardei-o na memoria do coração e do que senti com a sua leitura um ecco ainda escuto quando a recordo.

Muito mais, se o soubesse, m'o agradeceria o auctor, do que o vulgar reclamo de estampar-lhe aqui o appellido de familia junto ao nome que lhe deram na pia do baptismo.

Seria em alguma illustração franceza? .. Parece-me que sim. A pequenina historia passava-se em França, onde, por uma tradição muito meiga, as crianças em noite de Natal vão pôr os sapatos na chaminé esperando o presente do Menino Jesus.

Era um casal, marido e mulher, a quem desfortunoso havia corrido o anno. Ainda, pelo outro Natal, haviam dado uma boneca á filhinha, que desde então puzera toda sua esperança n'aquella noite e o anno todo falára do Menino Jesus. Lá tinha ido pôr na lareira os sapatinhos rotos. E só vel-os lhes fazia ternura e lhes enchia de lagrimas os olhos. Como ella andava quasi descalcinha! A boneca estava como todas as bonecas no fim d'um anno, descabellada, de nariz uma lastima, manca d'um braço, coxa d'uma perna, a perder as semeas por tres boracos. E elles não tinham um soldo a mais com que fizessem a surpreza á filha d'uma boneca nova, loira, córada, que fechasse docemente os grandes olhos azues quando a deitassem. E era o que mais os martyrisava n'aquella noite. A pequenina havia muito que entrára para a alcova. Que sonharia?... Que doces visões lhe andariam adejando por sua fantasia de sete annos? Que tristeza seria a da criancinha quando, no dia seguinte, ao acordar, corresse á chaminé e se visse esquecida de Jesus, ella, uma santinha que todos os dias lhe resava? Teria apenas como brinde de Natal muitos beijos e muitas lagrimas. É tão pouco para uma criança! Olharam os paes muito tristes para a alcova e viram a filha descalça a caminhar para a cosinha, pôr nos sapatos velhos a velha boneca toda escangalhada.

Era um quadrinho de miseria, muito sentido, descripto com a maior ternura.

E' n'estes dias de festa que mais este nome de miseria sôa absurdamente e põe nos corações um frio mais intenso.

Ainda mais doe quando de crianças se trata, porque são os pequeninos pobres — ás vezes tão lindos e ainda mais de enternecer quando feios e doentes — os que mais se parecem com Jesus. Como a este, acolheu os no mundo o frio da noite, um tecto mal coberto, umas palhas para enxerga, grosseiros linhos para cobertura. Ditosos os que tiveram tambem umas lagrimas cahindo-lhes sobre as faces, lagrimas compassivas de mãe a chorar de ternura.

Quem, mais d'uma vez, se não commoveu, vendo-os boquiebertos ás portas das lojas onde crianças ricas se accumulam ou, em frente das confeitarias, abrindo muito os olhos gulosos, muito tristes? Tinham ali a felicidade que lhes parece tão longe, intangivel como para nós estrellas do céo! E teem frio e teem fome.

Tocam de noite alegremente os sinos. Que nova feliz nos querem dar?

Um dos pequenos acorda com o corpinho dorido da tabua dura em que se deitára, quando, mais desgraçado não tem por abrigo senão algum portal mais fundo onde todo se encolheu. Porque haviam os sinos de acordal-o a recordar-lhe a fome, a recordar-lhe o frio? Dormia... Dormir é morrer por um bocadinho, e elle, tão pequenino, já pensa ás vezes que morrer deve ser bom.

Os sinos repicam e elle sabe que ha gente feliz n'aquella hora e até muitos que o esqueceram e a seus irmãosinhos, filhos da mesma desgraça, tantos que andam por esse mundo de Christo, sem um bocadinho de pão, a tiritarem á luz fria das estrellas.

Então a boquinha muito bonita torce-se n'aquelle gesto com que mais tarde ha de vomitar blasphemias.

E era coisa tão facil de mudar n'aquella bocca a prega odiosa n'um sorriso, alegrar aquelles olhos rancorosos!

João da Camara.

A Imagem de N. S. da Nazareth no logar de Pendão de Bellas

E D'AHI TRASLADADA PARA O REAL PALACIO DE QUELUZ

...morenita e graciosa, como disse Castilho, tem escapado por sua propria força a todos os naufragios da fé e da piedade.

Historia do culto de N. S. em Portugal-Alberto Pimentel.

1808-1812

N'esta calamitosa epoca em que as forças invasoras de Bonaparte se revezavam de quando em quando no littoral, occupava no Real Santu rio de N. S. da Nazareth, no sitio do mesmo nome, o logar de mordomo, o virtuoso e sympathico presbytero, Antonio Baptista Bello de Carvalho, espirito sublime de dedicação pela Sagrada Imagem.

Estava, então, a Nazareth sob o jugo da mais intoleravel oppressão. O templo da Senhora roubado, saqueado e profanado, e a imagem fóra da sua tribuna.

Ainda assim não escapou ás irreverencias da soldadesca franceza, que a deixou, por fim, abandonada a um canto do altar mór, onde mezes depois foi encontrada pelo reitor Antonio José Baptista de Leão, estando presentes os padres mordomos, e d'alli foi solemnemente collocada no seu throno.

Se por um lado o general Thomieres, o encarregado de explorar o littoral, havia dado redeas ao seu furor indomito pela perpetração d'assassinios, roubos e atrocidades de todo o genero, seguidas das mais abominaveis violações nos templos, por outro, os soldados, sob o commando do general Massena, enchiam de sombrio horror esta povoação pelas inqualificaveis barbaridades que praticavam.

Em tão apertado lance, o reitor e mordomos tiveram a idéa de solicitar dos governadores do reino, de accordo com o provedor da Comarca, Antonio Pedro d'Oliveira Gaio, as necessarias providencias, não só quanto ao destino da prodigiosa imagem, como ao das alfaias da casa, mas a estreiteza do tempo não lhes permittiu obter uma resposta adequada aos seus bons desejos por já estarem muito proximas da povoação as forças invasoras.

A' sua entrada, ocioso é dizer, que se repetiram os mesmos sacrilegos desacatos.

A imagem tendo sido mais uma vez retirada da tribuna era o alvo das insolencias dos soldados francezes, ao passo que era muito acariciada pelas senhoras francezas, umas das quaes, tendo-a deixado, por um inesperado conflicto, no poial da casa de Francisco Miguel, sita no amplo largo denominado o terreiro, foi ahi, por um feliz acaso encontrada pelo mordomo, Antonio Baptista Bello de Carvalho, que jámais a abandonou, resolvendo, desde logo, sair da sua terra natal, theatro das mais desoladoras scenas, visto que a sua permanencia, n'esta conjunctura, era a sáz arriscada e perigosa.

No intuito, pois, de levar a bom exito a sua resolução, para a qual muito concorreu o provedor da comarca a que acima nos referimos, dispõe as suas coisas, por fórma que no dia 4 d'outubro de 1810 se põe a caminho de Mafra levando comsigo a imagem de N. S., a quem, em curtos dias, tenciona preparar-lhe um altar mais luzido, e em linha de concordancia com o que deixára no seu templo, emquanto não se restabelecesse no reino a paz, que, na phrase de S. Agostinho, é a tranquilidade no bem e na ordem.

Ao transpôr o alto da Barca d'onde se esconde á vista o deslumbrante panorama da Nazareth, em que sobresáe o magestoso templo com a sua estatura soberana, envia-lhe de alma um sentido adeus; e seguindo a sua rota, sob a egide da fé, passa pelas villas das Caldas da Rainha, Obidos e pelas notaveis linhas de Torres Vedras, onde lhe é imposto um outro trajecto, inteiramente contrario ao que tinha traçado, por cujo desvio e por uma *encadeação d'acontecimentos raros*, como se diz na inscripção, que abaixo transcrevemos, vae ter ao logar de Pendão de Bellas, e ali, já noite cerrada, lhe são abertas, de par em par, as portas da casa de João Luiz, creado de Sua Alteza Real o Principe Regente, D. João.

Durante esta recepção o fiel devoto João Luiz presta ao bondoso mordomo as mais sinceras manifestações de affabilidade, e rende o preito da sua crença e devoção á Santa Imagem, imitando-o depois os habitantes dos logares circumvizinhos.

Eis a inscripção, que se acha embutida, em azulejo, na parêde d'aquella casa: [1]

«A invasão dos barbaros francezes em este reino de Portugal motivou o facto extraordinario da saida da Milagrosa Imagem de N. S. da Nazareth da sua egreja e real capella, cuja sacrosanta imagem por uma encadeação de acontecimentos raros veio ter a casa de João Luiz ao Pendão de Bellas, e trazida pelo Padre Antonio Baptista Bello de Carvalho, mordomo da Real Casa da dita Senhora, o que como administrador da Mesma, depois de publica a morada da V. SS. em casa do dito João Luiz, se conseguiu a collocação da Milagrosa Imagem em a Real Capella de Queluz para a veneração dos devotos durante a residencia d'aquella Sagrada Imagem em a mesma Real Capella»

«Chegou em o dia 12 de outubro de 1810».

E, de facto, é digno de honrosa menção o piedoso intuito do incansavel mordomo, que, sem perder de vista o entranhado affecto que os povos da sua naturalidade e circumvizinhanças consagram á Veneranda Imagem, obsta, dentro das suas limitadas forças, a que ella seja conduzida, como muito desejava o Bispo, patriarcha eleito de Lisboa, para a egreja da Basilica de Santa Maria Maior, pois que, para este fim, ja se haviam feito alguns preparos destinando-se-lhe até altar para n'elle se collocar, que era o da capella da Senhora a Grande ou de Bettencourt, um dos principaes d'aquella Igreja.

N'esta legitima aspiração ao bem dos seus conterraneos se houve o prestimoso mordomo d'uma maneira tão correcta e levantada que obteve pessoalmente de Sua Alteza Real, o principe regente, D. João, ordem para ser trasladada para a capella do Real Palacio de Queluz.

Não se fez demorar muito esta trasladação, a qual foi realizada com grande pompa e apparato no dia 25 de março de 1811 sendo conduzida a Santa Imagem em uma rica berlinda, seguida d'um vistoso acompanhamento, que se compunha, na sua maxima parte, de grande numero de pessoas as mais distinctas do logar de Bellas, e d'uma excellente musica militar. Antes de a Imagem dar entrada na capella do Real Palacio de Queluz, aonde se achavam os musicos, cantores e ministros da Santa Egreja Patriarchal, foi ella retirada da berlinda pelo mordomo da Nazareth, Bello de Carvalho, e por este entregue ao Beneficiado, primeiro capellão de Queluz, que, paramentado, a levou debaixo do pallio, e solemnemente a collocou no altar collateral de S. Clemente da mesma capella, onde esteve exposta á veneração dos fieis até 3 de setembro de 1812, data em que, por virtude d'outra ordem regia, de commum accordo com o ex.mo Visconde de Santarem, João Diogo de Barros Leitão e Carvalhoza, foi mandada recolher ao seu alegre e magestoso santuario na Nazareth, padrão indelevel dos sentimentos religiosos de el-rei D. Fernando, seu fundador.

Queluz e Bellas, em cumprimento d'esta ordem, prestou o seu valioso concurso de uma forma tão captivante, benevolente e rapida, que, a breve trecho, se celebrou uma magnifica festa de pontifical, com musica da Santa Egreja Patriarchal, em que prégou o Padre Mestre Dr. Fr. José Maria de Sant'Anna Noronha, da Ordem de S. Paulo, 1.º Eremita, pregador regio, e se organisou um extenso cortejo, o qual se pôz a caminho da Nazareth levando a Sagrada Imagem em uma riquissima berlinda, guiada pelo devoto João Luiz, acompanhada do seu inseparavel mordomo e d'uma banda de musica para dar entrada no templo, sob a sua invocação, no dia 6 d'aquelle mez e anno.

No seu precurso foram prestadas á Milagrosa Imagem pelos habitantes de Bemfica, Villa Franca de Xira e Caldas da Rainha as homenagens da sua veneração e do seu culto; em Bemfica deu entrada na egreja parochial de N. S. do Amparo com a maior solemnidade, com sermão, que prégou o Padre José Agostinho de Macedo, prégador régio e toda a noite festejada; e no dia seguinte — 4 do citado mez e anno — celebrou-se missa de pontifical, em que prégou o Padre Diogo dos Santos Mello, beneficiado e prégador régio da Santa Egreja Patriarchal; e em Villa Franca de Xira e Caldas da Rainha se lhe cantou *Te-Deum* e missa solemne.

Chegado o dia 6 em que devia dar entrada este cirio começou logo de manhã a affluir muito povo ao pittoresco sitio da Nazareth, que se achava revestido das melhores galas, as ruas ornamentadas

[1] O famoso retabulo, com esta inscripção, foi benzido em 20 d'agosto de 1814. Ha muito que não tem sido illuminado de noute, com quanto ainda ali existam duas elegantes lanternas.

A FAMILIA SAGRADA — *Quadro de Raphael*

Supplemento ao n.º 864 do OCCIDENTE

30 DE DEZEMBRO DE 1902

UM PAGEM

Aguarella de Ricardo Hogan

com verduras e magnificos arcos triumphaes, as janellas numerosamente povoadas e adornadas de ricas colgaduras, produzindo este conjuncto o mais encantador effeito, a par das bellezas naturaes, que tanto notabilisam este sólo abençoado pela tradição.

A anciedade do povo pela chegada da Virgem N. S. era inexprimivel, emquanto os sinos das torres não a annunciavam. Ouvia-se de intervallo a intervallo lindas peças de musica, que imprimiam a este imponente festival uma nota de vibrante animação, que de todos os lados do templo se manifestava com descantes e bailaricos, organisados em varios grupos.

Annunciada a entrada do cirio pelo repique dos sinos, era surprehendente a perspectiva que representava este magnifico cortejo, que se via caminhar desde a Pederneira, por entre alas d'uma compacta multidão de povo, o qual na sua mais ardente fé e devoção implorava a altissima protecção da Virgem, ao som dos hymnos alegres que as musicas tocavam, acompanhadas do estrallejar de milhares de foguetes, até que, dando processionalmente em roda do magestoso templo tres voltas, se fez parar a berlinda, em frente da porta principal d'este real santuario, d'onde, depois de recitadas pelos *anjos* as lôas adequadas á solemnidade, foi tirada a milagrosa imagem pelo ex.mo Principal da santa egreja patriarchal, vestido de habitos prelaticios, Gomes Freire d'Andrade; e beijando-a cerimoniosamente, perante todas as auctoridades do concelho e de fóra, collegiadas da mesma Senhora e da Pederneira, a entregou ao novo reitor Antonio Baptista Bello de Carvalho, sacerdote muito considerado pelo seu prestigio e inegualavel dedicação pela Santa Imagem; e, seguido do ex.mo Principal, do administrador da Casa, de todos os ministros das terras circumvizinhas e de immenso povo de todas as partes, a levou processionalmente debaixo do pallio desde o primeiro degrau da escada do templo até ao altar mór, lindamente ornamentado com profusão de lumes e flores, em que a collocou; e dando-a em seguida a beijar, se entoaram gloriosos hymnos e expansivas hossanas, findos os quaes foi lido, em publico, o auto de recepção da mesma senhora, que todos assignaram.

Nos dias seguintes continuaram os mesmos festejos até ao dia 8 em que se celebrou com esplendor desusado, a musica vocal e grande instrumental, a festa da Natividade de Nossa Senhora, sendo queimado á noute grande quantidade de fogo d'artificio no espaçoso largo do templo, denominado o terreiro, que estava litteralmente cheio de povo.

A esta solemnidade seguiu-se na quinta feira immediata a chegada dos cirios de Lisboa, Prata Grande dos Saloios e Porto de Móz e alguns outros pequenos de varias terras, segundo o antigo costume; sendo por todos estes, nos dois dias seguintes, celebradas as suas festividades.

Durante estes dias foram avultadas as esmolas e offertas á Senhora, uma das suas mais valiosas receitas.

Foram notaveis estas festas pelo seu deslumbramento a que assistiram muitas centenas de pessoas, não cessando, durante ellas, as mais sinceras felicitações ao virtuoso reitor, a quem foram conferidas, por mercê regia, as commendas da Conceição e Cavalleiro de Christo, pela sua inquebrantavel perseverança em ter posto a Santa Imagem ao abrigo de qualquer desacato, como o fizeram, em rudes tempos de seculos transactos os monges Cyriaco e Romano, vultos proeminentes nas brilhantes paginas da historia do culto de N. S da Nazareth.

A' fama ruidosa, que teve esta magnificente recepção e festejos que se seguiram, manifesta-se, em todos os habitantes da Nazareth, o maximo regosijo pelo regresso da Virgem ás. até ali, desamparadas eminencias do seu solio, d'onde irradia, como sol brilhante, os clarões do seu auxilio divino e incomparavel protecção para todos os recantos da terra.

Lisboa setembro de 1902.

Lino J. F. da Costa.

ADORAÇAO DO MENINO JESUS — *Quadro de Lorenzo di Credi*

MEU FILHO!

UANDO a Virgem Mãe pronunciou pela primeira vez estas palavras que até então só o Padre Eterno poderia ter pronunciado dirigindo-as ao recemnascido, a maternidade humana subiu até onde poderia subir: Subiu até ao proprio Deus!

Bemdito seja o Natal, pois que divinisou nossas Mães.

«O filho da Mulher esmagará a cabeça da serpente».

Assim o prometteu Deus: assim Elle proprio o cumpriu fazendo-se homem, o *filho da mulher*, para esmagar a cerviz do tyrano que escravisados nos tinha sob o seu infernal despotismo.

Bemdito seja o Natal que é a aurora da liberdade humana!

A liberdade é tão preciosa que para nol-a rehaver até Deus se fez homem nasceu, padeceu e morreu!

A Maternidade é a divinisação do humanismo feminil desde que Deus nasceu d'uma mulher.

Natal!! Aurora da liberdade humana! divinisação da Maternidade! superbemdicto sejas!

F.e Antonio.

Theatro classico em Portugal no seculo XVI

OMO todas as litteraturas originaes, a litteratura portugueza é o producto de tres elementos que, segundo as condições particulares de cada povo, se tornam de uma importancia, mais ou menos, notavel, determinam d'uma fórma, mais ou menos, positiva o exercicio da intellectualidade.

Esses tres agentes, — *raça, tradição* e *lingua*, são as verdadeiras bases de todo o edificio litterario, cuja influencia se manifesta, constantemente, em todas as producções artisticas, chegando, mesmo, a caracterisar a vida nacional dos povos.

A raça dá a feição particular á litteratura. Assim, nós distinguimos, perfeitamente, as producções geniaes dos povos do «meio-dia» das dos povos do norte; n'estes, ha o tom pesado, austero e frio; n'aquelles, há o sentimento delicado, o mimo, as vibrações do enthusiasmo.

A tradição é a base em que se firmam todas as concepções originaes. Um povo de gloriosas tradições, cujo passado o ennobreça e orgulhe, terá, decerto, uma fonte perenne e preciosa de assumptos, que o inspire e lhe ministre os elementos para as suas producções artisticas.

A lingua é o caracteristico de um povo e que o não deixa confundir com qualquer outro. E' um dos testemunhos mais eloquentes da sua actividade intellectual. Ella accusará, fielmente, a immobilidade ou o movimento da nacionalidade de que é orgão. No primeiro caso, resentindo-se d'esse estado estacionario, permanecerá sem alteração sensivel, quer no vocabulario, quer na sua sua organisação grammatical; no segundo caso, exprimindo uma vida activa, apresentar-se-há, mais ou menos, modificada pelo archaismo e neologismo e ainda pelas alterações phonicas, morphologicas e syntacticas.

Portugal foi, admiraveimente, brindado pelo destino d'estes tres grandes agentes de nacionalidade.

Possúe um clima temperado e suave, uma raça filha d'esse clima e, portanto, intelligente, sentimental e trabalhadora; uma tradição que, apresentando-lhe os nomes de vultos extraordinarios, de individualidades gigantescas, lhe recorda o notabilissimo papel que desempenhou no grande theatro da vida humana; possue, emfim, uma lingua, que, pela sua variedade, riqueza e eufonia, convida, naturalmente, os genios a cultivarem-na, exprimindo, por meio d'ella, as sublimes concepções da sua privilegiada intelligencia.

Estas circumstancias de tão alto valor social, auxiliadas pela protecção de esclarecidos monarchas, contribuiram, necessariamente, para que a litteratura portugueza seja rica, opulenta e occupe logar distincto no gremio das litteraturas modernas. .

O seculo XVI, entre nós, é identico ao de Pericles, na Grecia, ao de Augusto, em Roma.

Epoca de estrondosos feitos, periodo de robustissima vitalidade, então, a minuscula Lusitania elevou se á categoria de nação de primeira ordem e, ora sulcando os oceanos com alterosos galeões, ora devassando os continentes com bravos emissarios, arvorando as suas quinas nos confins do universo, a patria do heroe d'Ourique, excedeu esses celebres imperios da antiguidade, cuja abundancia de recursos, lhes davam, afinal, margem para os grandes emprehendimentos.

Na esphera das lettras, o apparecimento de tres vultos extraordinarios na Italia, determinou uma epoca, inteiramente nova. Dante, Petrarcha e Boccacio tiveram a gloria de revolucionar o mundo litterario.

A Italia, o foco de toda a civilisação antiga, o paiz fadado pela natureza para o cultivo das bellas-artes, soube resistir, pelas suas tradições classicas, pela solidez dos seus monumentos, pelo encanto dos seus trabalhos artisticos, ás tempestades da Edade-Media, á acção destruidora dos tempos.

Essa privilegiada peninsula, centro de poderosa actividade litteraria, patria de grandes genios, theatro de assombrosos acontecimentos, impunha-se, ás demais nações da Europa, pelas suas qualidades particularissimas e pela missão especial que lhe coube no mundo antigo.

Para firmar, ainda mais, créditos, tão justamente, adquiridos, devia ser na Italia que o nascimento litterario se elaborasse. A *Divina Comedia*, verdadeira encyclopedia em que se encerra toda a sciencia medieval, assim como as concepções geniaes de Petrarcha e Boccacio, fazendo reviver o classicismo greco latino, modificado pelos sentimentos modernos, attrahem as attenções, dominam pelas bellezas, seduzem e arrastam os espiritos.

Uma verdadeira febre de imitação se pronuncia e, em breve, as litteraturas romanicas perdem o caracter original da escola romanticotrovadora para adoptar o classicismo, restaurado pelas tres summidades italianas.

Fundou-se, pois, em Portugal, a escola classicoitaliana que tão profunda influencia exerceu na arte dramatica.

Jorge Ferreira de Vasconcellos foi o iniciador, com a sua comedia *Eufrosina*, do theatro classico. Adoptou a linguagem em prosa, desprezando a redondilha das composições dramaticas nacionaes e inspirou-se na celebre comedia *Celestina*, de Francisco de Rojas, dramaturgo hespanhol que, então, se apresentava como modelo no seu genero.

O talento comico e fina observação de Ferreira de Vasconcellos, tambem se definem nas comedias *Aulegrafia* e *Ulyssipo*, publicadas, porthumamente, por seu genro D. Antonio de Noronha, com especialidade na *Ulyssipo* que se póde considerar não só uma peça bem urdida, como um estudo da sociedade sua contemporanea, excellente subsidio para a historia da linguagem, visto que, é um bom repositorio de annexins, maximas e locuções familiares que, na epoca, andaram em voga.

Influenciado pelo gosto castelhano, o auctor da *Eufrosina*, é, apenas, precursôr, em parte, da grande obra de Sá de Miranda e Antonio Ferreira; proclama o elemento classico, mas regeita o italiano, da alliança intima dos quaes, resulta o theatro da *Renascença*.

E' indiscutivel, que sob o regimen da escola classico-italiana, as lettras portuguezas tocam o ponto culminante da sua grandeza.

A arte, a erudição, a actividade intellectual manifestam-se d'uma forma completa; o desejo de seguir os melhores mestres, de imitar as obras mais venerandas apparece como uma necessidade a que é forçoso obedecer, — o escriptor quinhentista é a encarnação das lettras patrias na sua phase mais viril, na sua epoca de maior riqueza e prestigio, no seu periodo, genuinamente aureo.

Sá de Miranda e Ferreira são, pois, a representação do theatro portuguez na forma mais artistica e, escrupulosamente, cuidada.

Por indole e por estudo, constituem-se patriarchas do dogmatismo classico, sacerdotes austeros de uma intransigencia litteraria, perfeitamente, definida.

Miranda fez a sua orientação poetica na douta convivencia que teve, na Italia, com os mais celebrados eruditos, como João Ruscelai e Lactanzio Tolomei, e seduzido pela leitura de Sannazarro, cardeal Pedro Bembo, Ariosto, Garcilazo de la Vega e Boscan Almogaver, genuinos sectarios de Petrarcha e Dante, positivou a obra, apenas, esboçada pelo sentimentalista Bernardim Ribeiro, que, levemente, deixou transparecer, na sua amenidade bucolica, uns ligeiros symptomas da musa italiana.

Vilhalpandos e *Estrangeiros*, são as suas famigeradas comedias, talhadas pelos melhores modelos, bellos productos de arte, magnificas para uma paciente leitura em confortavel gabinete, mas frias, incapazes de despertarem o interesse do do publico, que, acostumado aos autos vicentianos, não tolerava as subtilezas artisticas de comedias, essencialmente, theoricas, só capazes de serem apreciadas por eruditos.

Mais coherente foi Ferreira, que, não obstante, a sua indole classica de que são frisante testemunho as suas comedias *Bristo* e *Cioso*, ao gosto de Terencio, melhor comprehendeu o theatro, escolhendo, por fim, um assumpto portuguez, palpitante de interesse — os amores de Ignez de Castro.

Como Maria Stuart, na Escocia, e Maria Antoinette, em França, aquella «que depois de morta foi rainha», tornou-se, bem tragicamente, celebre; sensibilisou, devéras, a alma peninsular; recebeu, já do talento culto, já do espirito popular, a respeitosa homenagem a que têm direito os grandes infortunios.

E a homenagem de Antonio Ferreira é do mais alto preço. A sua tragedia *Castro*, superior ás contemporaneas, *Sophonisba*, de Trissino, *Cleopatra*, de Jodelle, *Nize lastimosa* e *Nize laureada*, de Bermudez, ainda que, a critica lhe note a falta de algumas situações dramaticas de seguro effeito, tem bellezas de primeira ordem; é um estudo particular do coração humano, uma compenetração perfeitissima de uma lucta vehemente de paixões.

E' bello de pathetico o quadro em que se pinta, a traços viris, o estado afflictivo de D. Pedro, ao saber da morte de Ignez.

O golpe é tremendo, a dôr horrivel, esmagadôra; o espirito n'uma crise de angustiosa perturbação, desvaira, perde-se, mas, prestes a succumbir, reanima se com estranha energia e tocando o cumulo do desespero e da raiva, concebe uma vingança terrivel, não hesita em pôr, em acção, os meios mais violentos para saciar a sua colera; e, impellido por uma ferocidade selvagem, resolve, tudo, incendiar e devastar, fazendo banhar, por fim, o cadaver de Ignez no sangue dos seus algozes.

Antes da inauguração do theatro classico, o grande Gil Vicente encarnou a vida dramatica portugueza com as producções do seu invejavel talento e finissima observação.

Os trabalhos de tão preclaro dramaturgo, obedecendo a uma orientação muito differente dos da arte classico-italiana, ligavam-se, estreitamente, com os interesses nacionaes e por isso, na alma lusitana, vibraram-se as fibras do patriotismo em favor da obra vicentiana.

Luiz de Camões, por exemplo, o immortal cantor das glorias patrias, o poeta portuguez, por excellencia, não obstante, a sua educação classica e sympathia pela escola italiana, escreveu as peças dramaticas: *Amphitriões*, *El-rei Seleuco* e *Filodemo*, ao gosto vicentiano, pela forma, isto é, adoptando a redondilha maior ou a popular.

O auto *Amphitriões* é imitado de Plauto, mas com feição tão portugueza, que dir-se-ha original; foi escripto em Coimbra, quando frequentava a Universidade e representado pelos estudantes em divertimentos escolares.

El rei Seleuco basêa-se na tradição do principe Antiocho Soter se apaixonar por sua madrasta Stratonia, a ponto de adoecer gravemente. Seleuco, seu pae, receando que tal paixão occasionasse a morte de seu filho, que tanto estremecia, com a maior generosidade, desfaz o seu casamento e lhe dá a mulher. E' allusão, talvez, ás terceiras nupcias de el-rei D. Manuel com D. Leonor d'Austria, noiva de seu filho, D. João III.

O *Filodemo* foi escripto por occasião dos festejos em honra de Francisco Barreto, quando nomeado governador de Gôa; occupa-se das aventuras de Filodemo e Florimena, filhos de um opulento fidalgo portuguez e de uma princeza da Dinamarca.

N'esta comedia, Camões combina a corrente italiana, manifestada no caracter pastoril, com a hespanhola, posta em relevo nas frequentes imitações da *Celestina*, e, em todo seu theatro, allia o elemento classico com a escola de Gil Vicente.

Nos *Lusiadas*, segue o nosso poeta o mesmo systema, um verdadeiro eclectismo, misturando a mythologia com o christianismo, a lenda com a historia.

Esta fusão de elementos diversos e mesmo oppostos, que, á primeira vista, parece condemnavel, por illogica, é mais uma prova da particular superioridade de Camões. Não sendo exclusivista, acceitando o que possa haver de aproveitavel em todas as escolas, ou de rasoavel nos diversos processos de interpretação, o grande poeta desenha, nas suas obras, o quadro completo do movimento e orientação do espirito humano, alem de patentear uma desusada coherencia, com a qual concilia os mais contrarios principios.

A obra de Miranda e de Ferreira apresentava-se, comtudo, com um titulo muito recommendavel; era, escrupulosamente, artistica, severamente, disciplinada; trazia o sello das grandes summidades no mundo da arte, era a imitação do que havia de melhor no genero, na antiguidade e com o magistral influxo da Italia.

N'estas circumstancias, o producto da imaginação erudita triumphou e prevaleceu até ao raiar do seculo XVII.

D'então, em diante, o theatro hespanhol impõe-se-nos, e as famosas comedias de *capa e espada* invadem os *Pateos* de Lisboa, deleitando uma sociedade opprimida, escravisada, que sem liberdade, sequer, de pensamento, acceitava essas espurias composições, sem que os esforços de alguns raros sectarios da antiga scena lhe produzissem a mais leve impressão.

A arte dramatica, em Portugal, vivia n'um estado apathico, definhava-se deploravelmente.

Precisava, pois, de um forte estimulo que, galvanisando-a, a fizesse entrar n'um periodo viril, apreciavel pela dignidade de pensamento ou pela contextura artistica, abandonando, por completo, essas frioleiras castelhanas que, embora tivessem alguma acceitação, estavam muito áquem da boa e legitima elevação theatral.

Esse estimulo traduz-se na escola romantica, que, sem descurar os preceitos da fórma, restabelece o verdadeiro interesse do assumpto.

Tal é o theatro garrettiano: nacional, como o de Gil Vicente, artistico, como o de Miranda e Ferreira.

Damasceno Nunes.

Algumas noticias de archeologia, arte e historia portuguezas

II

Hoje começaremos por uma serie de noticias relativas a algumas festividades, commemorações e tradições religiosas portuguezas.

O rev. arcebispo primaz do Oriente, ultimamente de passagem em Lisboa, trouxe de Gôa uma phalange de um dos dedos dos pés do celebre S. Francisco Xavier — o *apostolo das Indias portuguezas*, com o fim de o offerecer á basilica, que sob a invocação d'aquelle santo, uma opulenta senhora hespanhola tenciona edificar em Pamplona, patria d'aquelle santo varão, que prestou tão grandes e relevantes serviços ao prestigio do nome portuguez no oriente asiatico.

Esta phalange desprendeu-se naturalmente por occasião da ultima exposição do corpo do santo, em Gôa. Foi logo recolhida piedosamente pelo bispo de Damão, D. Antonio, já fallecido, e encerrada n'um relicario de ouro, feito em Bombaim, e que custou cerca de cem libras. *(Diario de Noticias* de 23 de junho de 1902).

*
* *

O Pontifice Leão XIII assignou o decreto relativo á beatificação de oito martyres das missões na Abyssinia, dos principios do seculo XVII. Entre elles contam-se cinco portuguezes. O primeiro é o padre Apollinario de Almeida (1587-1638) famoso missionario jesuita na India; foi enforcado em 1638, por ordem do *négus* da Abyssinia. Este padre jesuita era orador sacro, lente de philosophia em Lisboa e de theologia em Coimbra, bispo de Nicêa e patriarcha da Ethiopia.

Outro é o padre Gaspar Paes, jesuita, da Covilhã (1593-1635). Missionario na Ethiopia, e alli foi morto, depois de ser martyrisado. Foi auctor de curiosas *cartas*, em que relata os seus trabalhos da missão.

E' o terceiro o padre Luiz Cardeira, de Beja (1585-1640) missionou jesuita na India e Abyssinia, onde apprendeu a lingua e ensinava a catechese, amenisando-a com o ensino da musica, com o qual attraia os discipulos. Expulsos d'aquelle paiz os padres catholicos, o padre Luiz Cardeira andou escondido, até que, descoberto foi posto a tormentos e enforcado.

O quarto e quinto d'este grupo de missionarios, que soffreram horriveis martyrios na Abyssinia, são Francisco Rodrigues, do Lumiar, e João Pereira, dos arredores de Lisboa. Este decreto foi publicado no *Osservatore Romano*, de Roma, de 11 de julho de 1902.

*
* *

Ainda presentemente se effectuam na cidade de Lisboa certas festividades e officios religiosos, que representam as ultimas memorias tradicionaes de factos notaveis da nossa historia passada. Citamos alguns.

Em 12 de novembro é costume realizar-se na real egreja de Santo Antonio de Lisboa um officio, missa e libera-me por alma do infante santo D. Fernando, que morreu prisioneiro em Fez.

Em 16 e 17 de novembro realizam-se na egreja de S. Roque de Lisboa as vesperas e officios, rezados pela collegiada da Santa Casa da Misericordia, composta de 18 capellães, suffragando a alma da rainha D. Leonor, instituidora da confraria.

Em 12 e 13 de dezembro effectuam se na mesma egreja de S. Roque, com egual solemnidade, as tradicionaes exequias pela alma de el-rei D. Manoel.

*
* *

Este dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, santa muito festejada no paiz, ficou memoravel na tradição popular pelo fallecimento do venturoso monharcha. Gil Vicente nas *trovas á morte d'el-rei D. Manuel*, celebra-o dizendo:

> Pranto fazem em Lisboa,
> Dia de Santa Luzia,
> Por el-rei Dom Manuel
> Que se finou nesse dia, etc.

A gente do mar, os ovarinos, e a colonia ovarina de Lisboa celebram este dia com festejos na egreja das Chagas, onde existe uma reliquia da santa, e na de Santos, onde os numerosos grupos de raparigas de Ovar improvisam no adro bailaricos, dansando animadamente, transportando para Lisboa, as pittorescas scenas dos arraiaes da provincia.

*
* *

Para concluir reuniremos duas noticias que nos lembram os nomes de dois velhos navegantes.

Na primeira celebram-se os grandes melhoramentos introduzidos na escola industrial Gonçalo Velho Cabral, em Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel. Estabeleceu-se alli desde 1896, por diligencias do dedicado e intelligente director sr. Arthur J. Viçoso May uma officina de obras de talha, onde de um habilissimo mestre entalhador o sr. Cordeiro, os alumnos recebem o ensinamento com a mais bella intuição artistica, d'aquella velha arte portugueza, cujos primores nós ainda hoje admiramos por toda a parte, nas decorações dos templos e no mobiliario riquissimo dos nossos antepassados.

Será portanto este um novo melhoramento do ensino industrial, a accrescentar áquelles que tão proficuos resultados teem produzido nas outras escolas industriaes e artisticas de Portugal.

A outra noticia, a que nos referimos, é de indole bem diversa, mas d'esta se approxima apenas por nos lembrar a memoria do glorioso descobridor do Brasil Pedro Alvares Cabral e a sua sepultura, existente em campa rasa, na egreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem.

Agora, nesta febre das trasladações, com que uma geração desorientada insiste em trazer em bolandas os venerandos restos dos nossos mais illustres cidadãos, arrancando-os aos tumulos onde jazem, até mesmo de onde nas suas ultimas determinações expressavam o firme desejo de dormir o somno eterno, para os trazer para pantheons ou mausoleos magnificos, houve quem levantasse um appêllo a portuguezes e brasileiros para que se promova a trasladação, para um tumulo monumental, da ossada do illustre navegador. Em um opusculo, publicado em Lisboa, suscita a idéa o sr. Alberto de Carvalho, cidadão brasileiro, allegando a injustiça de se conservarem alli, sob uma humilde campa rasa, os restos de homem tão illustre e querido aos dois povos de Portugal e Brasil.

Diremos, apenas, que a campa humilde e rasa, que cobre os ultimos restos do grande navegador, não é felizmente escusa e ignorada. Assignal-a a romaria constante dos visitantes, áquelle formoso templo gothico, com seu portico monumental, que constitue para o famoso descobridor um verdadeiro pantheon de familia, onde a sua ossada dorme em paz ha quatro longos seculos, emquanto o seu nome aureolado ascende ás mais altas culminancias do capitolio das glorias portuguezas.

Dezembro, 1902.

Victor Ribeiro.

METEOROLOGIA

Dezembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	772,1	15,1- 9,2	Limpo	NNE	0,0
22	768,1	13,9- 8,0	»	»	0,0
23	771,2	12,1- 6,8	Alg. nuvens	»	0,0
24	774,2	12,2- 7,7	Nublado	»	0,9
25	7754	11,4- 6,3	Alg. nuvens	»	0,0
26	776,4	12,7- 6,7	»	»	0,0
27	774,6	11,6- 5,6	Limpo	»	0,0
28	770,7	11,2- 4,7	Nublado	N	0,0
29	765,2	14,0- 9,6	»	WSW	0,2
30	759,2	11,1- 7,4	»	NW	7,9

CHRONICA METEOROLOGICA

A altura barometrica que baixou gradualmente até 22, elevou-se de novo, a partir d'este dia, com baixa sensivel de temperatura. A maxima pressão foi attingida em 26, dia no qual o barometro marcou em Lisboa, o nivel de 776^{mm},4. O vento conservou-se sempre do NE, até 27, com temperaturas baixas. Os minimos, no reino, foram, n'este dia: 4° em Moncorvo, 1° na Serra da Estrella, 0° na Guarda, 0°,4 em Coimbra, e 4°,7 em Lisboa. Em 29, uma depressão da Irlanda avançou até á nossa costa, produzindo aguaceiros fortes, em 29, e 30, e temperatura muito desabrida, com vento variavel d'entre SW e NW.

O ultimo senhor de um velho solar

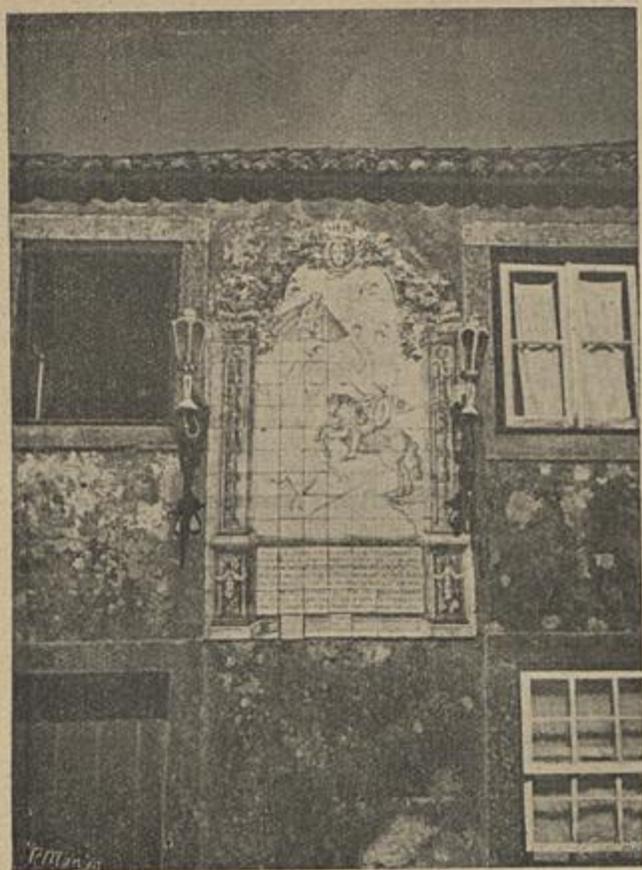
ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

Prefigura-se-lhe estar vendo a familia, os seus hospedes, como outrora, sentados em redor da immensa mesa redonda. Ali, em frente, divisava a sua consorte, aqui a seu lado, a um dos seus mais caros amigos, alem o reverendo, commensal obrigado, á direita, seu filho, ao qual Deus sabe quando tornará a ver, á esquerda, sua filha, que tão longe se acha, presentemente, e assim por diante.

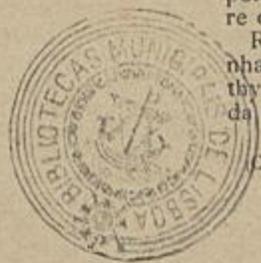
A todos via, tão clara e nitidamente, como se de feito ali se achassem, e afigura-se-lhe ouvil-os coxichar, rir, gracejar entre si. Evaneciam-se os semblantes, reappareciam voltando a evanecer-se, e não via pessoa alguma, a não ser o seu famulo, perfilado no cabo da mêsa, neste, comtudo... nem já reparáva, sequer; mas, como se instantaneamente se povoára a sala, éram agora multidão os comensaes, tinem cópos, levantam-se brindes, resôa a musica, como outr'ora, no seu dia anniversario. Que elle, diga-se a verdade, não estava sonhando, lá fóra, no atrio, tocávam uns ciganos, em honra, segundo a antiga usança, do seu dia natalicio; e elle sem saber, sequer, que hoje é o dia de seus annos, taciturno, escuta a tão familiar melodia e diz, finalmente: — basta, basta — e transborda-lhe de amargura o coração.

A tarde, passou-a elle quasi toda na varanda. Aborrido, ficou-se para ali a mirar, horas esquecidas: a refracção da sua casa nas aguas do rio, os ninhos de andorinha nos beiraes do telhado, um que outro milhafre, esvoejando nos ares, o caminhar das nuvens, o ocáso do sol, e os morcêgos a adejár no crepusculo. A' medida que ia escurecendo, e vibrava o sino da tarde, mais pungente se lhe tornaram a solidão, o desamparo; com odio

A IMAGEM DE N. S. DA NAZARETH, NO LOGAR DO PENDÃO DE BELLAS

por assim dizer, contemplou a aldeia, as luzes a apparecerem pelas janelas; era a hora de se reunirem as familias, tomando assento, alegres, em redor da ceia; para depois se irem deitar e dormir somno descansado. Raras vezes comia, á noite, ficava-se para ali, sentado, sem destino, a céu aberto, pois lhe andava esquivo o sômno, e quando, afinal, lhe acudia a somnolencia, era apenas irrequieto dormitar; os espectros, que fantasiava, impediam-no de socegar, accordava-o o mais leve rumor.

Nas residencias êrmas, decadentes ouvem-se a todo o instante uns certos ruidos misteriosos, provocando anciedade e mil ominosos vaticinios, tolhendo o sômno áquelles que tanto almejam pelo socego, e povoando-lhes de fantasmas os sonhos. Em semelhantes casos o vento silva sem cessar, e não se sabe de onde vem. A principio é apenas um tenue gemido, a breve trecho, um clamor plangente, como que o queixume de humana creatura, depois, ouve-se cair o que quer que seja, uma pédra ou uma ripa, d'ali a pouco, são as portas a bater, em seguida, escancaram-se de par em par, com ruidoso estalido, e aspero ranger de fechaduras desconjuntadas e ferrugentas; e péga de novo a uivar o vento. Cala-se de repente, volta outra vez a carpir, tal qual uma creança a chorar; repetem se os uivos, os bramidos, percorrendo vasta escala de tons, e ouve-se estalejar por toda a casa, como se esta estivesse prestes a desabar. E Radnothy, accordado ou meio a dormir, escutava estes ruidos nocturnos, durante horas interminaveis. Afigura-se-lhe que vem ter com elle espectros, que não conseguem incontrar socego na campa, que lhe segredam coisas passadas, rasgando as feridas com pavorósa alegria, e intentando derrubar a casa, para lhes servir de ataúde. Em meio de tamanho desasocêgo, occorre-lhe quanto para elle tem sido motivo de desgosto; e, por mais de uma vez, salta da cama abaixo e corre os cortinados.

Reina, porém, absoluto socego, a lua a caminhar para além na direcção da egreja, e Radnothy imerge em somno profundo, que o deixa ainda mais estafado que a propria insomnia.

(Continúa) *M. Macedo (Pin-Sel)*

AOS SRS. ASSIGNANTES

Com este numero termina o 25.º anno do OCCIDENTE e com elle enviamos as **Boas festas** aos nossos assignantes, fazendo votos para que tenham um **Bom anno feliz.**

Esperando que continuarão a honrar esta revista com a sua assignatura, envia os seus agradecimentos.

A EMPREZA.

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes, o frontespicio, indices e capa de papel do presente volume e um **Supplemento Brinde: Um pagem** aguarella de Ricardo Hogan.

O supplemento avulso custa 200 réis e com o numero 320 réis.